

## RESENHA

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em história.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Sandro da Silveira Costa \*

Neste livro, o autor <sup>1</sup> identifica que a principal característica de uma corrente história é a *representação do tempo histórico*. Este aspecto norteia o trabalho do historiador auxiliando-o na distinção e seleção dos objetos de pesquisa, na elaboração de determinados conceitos teóricos, na interpretação das fontes. Assim, os Annales só representaram uma renovação teórico-metodológica e *utópica* em relação à história tradicional porque produziram, sob a influência das ciências sociais, uma nova representação do tempo histórico.

As ciências sociais opõem-se à abordagem da história tradicional caracterizada pela utopia, pela liberdade, pela construção linear e acelerada do futuro, pois, para elas, um enfoque especulativo da história é inválido e perigoso. Contra a abordagem teológica, as ciências sociais privilegiaram a *abordagem estrutural* do tempo histórico. Com o conceito de *estrutura social*, as ciências sociais submeteram a sociedade à representação do tempo da física e da matemática. Objetivam encontrar no mundo humano regularidades, estabilidades, reversibilidades. As ciências sociais desconsideram a sucessão dos eventos e valorizam as transformações estruturais. O presente liga-se ao passado e vice-versa. Desta forma, abole-se a sua diferença e o que esta representa: a temporalidade.

---

\* Mestre em História (2002) e Doutorando em Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>1</sup> José Carlos Reis é professor-doutor no Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto. É autor, além da publicação aqui analisada, dos textos *Nouvelle Histoire e tempo histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994; *A História, entre a Filosofia e a Ciência*. São Paulo: Ática, 1996; *As Identidades do Brasil: de Vanhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 1999, dentre outros.

No primeiro capítulo, se discute a renovação teórico-metodológica da história promovida pela reconstrução do tempo histórico. A história sofreu uma modificação profunda em seu campo de análise. Dominada por um tempo teológico, a história tradicional enfatizava a *história acontecimental*: o homem aparecia na história política, das idéias, da biografia dos grandes líderes. A história não se consubstancia na narrativa de povos e indivíduos livres, produtores de eventos grandiosos. Ela corresponde à pesquisa e análise dos homens em sua cotidianidade. Há uma recusa da história política, das relações exteriores dos Estados nacionais, suas guerras e líderes, pois na agitada realidade européia do século XX, os estudos históricos enfatizam os aspectos econômico-sociais, em detrimento dos aspectos políticos.<sup>2</sup>

Na segunda parte do texto, José Carlos Reis analisa as correntes históricas positivista, historicista e marxista que embasaram a abordagem temporal e teórica das ciências sociais e dos Annales.

Lucien Febvre e Marc Bloch serão os principais articuladores da nova história. Este será o tema principal discutido na terceira parte do livro. Febvre e Bloch compreenderam o ataque dos sociólogos contra a história metódica. O que eles trouxeram de novidade, foi a compreensão da temporalidade histórica. Assim, eles introduziram em seus textos o permanente, o duradouro, recusando a história como conhecimento exclusivamente de mudança.

A proposta *inovadora* da nova história, enfatizada por Bloch, corresponde ao método retrospectivo. Este objetiva explicar os acontecimentos históricos mais próximos pelos mais distantes, ou seja, o passado legitimando o presente, pois o preparou e construiu. Os historiadores tradicionais dividiram o passado, objeto da história, do presente, objeto dos sociólogos, jornalistas, políticos. Bloch enfatiza que o historiador não deve pesquisar e analisar as origens dos acontecimentos históricos e propõe o *método retrospectivo*: o passado não é compreensível se não se o atinge através de problematizações suscitadas pelo presente. Assim, o historiador não pode ignorar o presente, pois é a partir dele que se torna possível interrogar e explicar o passado.

---

<sup>2</sup> No século XX, a Europa perde a hegemonia político-econômica mundial desfrutada no século anterior. Desta forma, não se pode mais pensar o tempo histórico linear, contínuo e universal, onde a humanidade, sob o domínio da Europa, atingiria a liberdade.

No quarto capítulo, o autor caracteriza as diversas fases da Escola dos Annales. Divide-se, geralmente, a história da nova história em três fases seguintes: de 1929 a 1946, de 1946 a 1968, de 1968 em diante.<sup>3</sup>

A primeira fase caracteriza-se, essencialmente, pela abordagem *estrutural qualitativa* da história. Os homens no tempo são o objeto principal do historiador. Todavia, não são os homens excepcionais, heróicos, singulares, mas os homens comuns, que pertencem a um universo mental coletivo. Desta forma, para Febvre e Bloch, o historiador deve abandonar os juízos de valor sobre os homens do passado e deve compreendê-los, isto é, situá-los em seu tempo e sociedade e promover o diálogo entre eles e os homens do presente.<sup>4</sup>

A segunda geração terá, até 1956, Febvre na liderança.<sup>5</sup> Mas, diferentemente de sua obra, caracterizada pela história das mentalidades coletivas, a revista privilegiará os aspectos econômico e demográfico.

O texto-manifesto de Braudel corresponde ao artigo publicado em 1958, na seção *Debats et Combats* da sua Revista, sob o título *La Longue Durée*. Neste artigo, Braudel enfatiza a continuidade, a permanência, a estrutura e formula o conceito de *longa duração*. Fernand Braudel considera que o homem é descentrado e sofre a influência da temporalidade muito mais do que a produz. O homem perdeu o controle total de sua historicidade, pois age sobre limites geográficos, sociais, mentais, culturais, econômicos que não pode vencer, pois não dependem de sua vontade. Esta é uma novidade do pensamento histórico, presente nos trabalhos de Bloch e Febvre, e que Braudel elabora e radicaliza: o descentramento do homem, tornando-o elemento seriável e não evento singular.

---

<sup>3</sup> A expressão *nouvelle histoire* designa a história sob a influência das ciências sociais, que foi elaborada a partir do debate entre sociólogos, filósofos, geógrafos e historiadores, no início do século XX, e se corporificou na revista de história *Annales d'Histoire Economique et Sociale*, fundada em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch. A Nova História é praticada pela Escola dos Annales que, a partir de Febvre, Bloch e Braudel, reúne professores, pesquisadores e colaboradores da Revista, formando um grupo intelectual policêntrico, heterogêneo e permanente.

<sup>4</sup> De acordo com Peter Burke, o movimento dos Annales caracterizou-se, em sua primeira fase, "por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilha contra a história tradicional [...]. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes se apoderaram do establishment histórico". BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997, p. 12.

<sup>5</sup> Após esta data, o movimento dos Annales é dirigido por Fernand Braudel.

A segunda fase se diferencia da primeira, pois produzirá trabalhos de história estrutural quantitativa e *serial*, nas áreas econômica e demográfica.<sup>6</sup> A história quantitativa, serial, econômica e demográfica é, portanto, a originalidade da Segunda Fase.

Após 68, Braudel não dirigirá a Revista sozinho, pois ele se cercará de um comitê de jovens historiadores: Jacques Le Goff, Emanuel Le Roy Ladurie, Marc Ferro e de um secretariado, onde se sucederam R. Mandrou, A Burguière e J. Revel. Os Annales continuarão a centralizar o poder intelectual na França. Entretanto, *“é mais difícil traçar o perfil da terceira geração do que das duas anteriores. Ninguém neste período dominou o grupo como o fizeram Febvre e Braudel. Alguns comentadores chegaram mesmo a falar numa fragmentação”*.<sup>7</sup>

Afetados pelo movimento estudantil de 1968, os Annales modificaram seu foco e temáticas de estudo. Assim, frente à presença de novas exigências, reduz-se a importância do aspecto econômico. Alguns aspectos do programa dos fundadores foram radicalizados: a história como uma relação entre presente e passado chega ao extremo de se tornar história imediata, ou seja, *história do presente*. A história se associou a novas disciplinas: psicanálise, antropologia, sociologia, lingüística, literatura. Novas técnicas são utilizadas pelo historiador: computadores, carbono 14, dendrocronologia, análises matemáticas.

Sensível às interrogações do presente, a história se aliou à antropologia e se interessou pelos aspectos simbólicos e culturais da sociedade. Essa história antropológica acentuou a desaceleração do tempo realizada por Braudel. Os gestos e práticas cotidianas são abordados na perspectiva da longa duração. A história cultural *ocupou* o lugar da história econômico-social.

É importante destacar que na terceira fase a história é escrita no plural: há histórias de.... As *estruturas mentais*, que se tornam o interesse central da pesquisa histórica, são plurais, múltiplas, heterogêneas, dispersas. A história não

---

<sup>6</sup> A partir de 1950, o quantitativo tomou conta de todas as áreas do conhecimento histórico. A história quantitativa não estuda os setores e épocas históricas que não oferecem uma documentação estatística. Assim, as fontes e temas analisados são caracteristicamente econômicos e demográficos: oscilação cíclica de preços e salários, movimentos populacionais, fontes notariais, estudo dos registros de nascimento, casamento e óbito.

<sup>7</sup> DOSSE, François apud BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989)*... op. cit., p. 79.

enfoca mais o global, mas o geral. O historiador pode tematizar tudo, sobre qualquer perspectiva.

Na França, os Annales monopolizam o controle das instituições de ensino, pesquisa, edição e administração da história. Todavia, a partir de 1988, os historiadores dos Annales perceberam que o *vento da história* caminhava em outra direção e iniciaram uma revisão do seu projeto, que tendemos a considerar como uma *quarta fase* da história dos Annales. Desta forma, objetivam efetuar um balanço ou exame de consciência e definir os termos de um *tournant critique*. Isto pressupõe a transição de um momento a outro, de uma posição a outra: uma *reviravolta*. Nesse movimento, eles reavaliam o aspecto que sustentou todo o seu projeto: a aliança com as ciências sociais. A interdisciplinaridade constitui o aspecto central da nova história. Todavia, a partir de 1988, fala-se de uma crise das ciências sociais. Crise que a história não estaria vivendo, pois apresenta um momento de vitalidade: multiplicação dos objetos de pesquisa, produção abundante, especializações cada vez mais sofisticadas. Mas trata-se de uma vitalidade crítica, problemática, pois anárquica, dispersiva, desordenada.

O que levou os Annales a repensarem suas relações interdisciplinares foi o resultado a que chegou a interdisciplinaridade na prática dos historiadores. A história chegou à fragmentação, à produção em migalhas. Essa *vitalidade anárquica* foi provocada pela imprecisão nos termos das relações entre história e ciências sociais. O que se pretende, nesse momento, é redefinir esses termos. Nisso consiste a *reviravolta crítica* da nova história. Desta forma, José Carlos Reis defende que a existência de uma *quarta fase*, que os Annales estariam vivendo desde 1988, é um exagero. Segundo o autor, os Annales atravessam um momento especial, pois foram obrigados a rever posições sustentadas ostensivamente nas fases anteriores.

Na quinta parte do texto, José Carlos Reis analisa as possíveis tendências teóricas abordadas pelos Annales durante sua história. Assim, de acordo com o autor, a nova história deveria sustentar e assessorar o poder da tecnocracia empresarial se quisesse se firmar como corrente histórica. Ela é, portanto, de acordo com o autor, um apoio aos novos sujeitos históricos. Há, entretanto, os que vêem nos Annales uma orientação marxista, pois enfatizam a história econômico-social, estrutural e coletiva. É preciso admitir que havia, de fato, uma influência indireta do marxismo. Há, entre os fundadores dos Annales e o marxismo afinidades, rejeições e contaminações. Qual é, portanto, a tendência dos Annales: há duas respostas iniciais: 1) a revista corresponde à necessidade

de conhecimento histórico da nova sociedade tecnocrática; 2) a revista possui uma orientação marxista.

No sexto e último capítulo, o autor analisa principalmente os aspectos que aproximam, opõem e diferenciam a corrente histórica marxista e os Annales. Muitos historiadores identificam aspectos comuns entre estas correntes históricas. Ciro Flamarion Cardoso aponta, por exemplo, várias convergências: ambas reconhecem a necessidade de uma síntese global, propõem e exercem a interdisciplinaridade, vinculam a pesquisa do passado ao presente, produzem uma história coletiva, econômico-social e não individual e *acontecimental*. Flamarion Cardoso, no entanto, constata a seguinte diferença: ausência dos Annales de uma teoria da mudança social e da luta de classes.

Os marxistas, entretanto, entendem que os Annales não pensam a mudança, a luta, a revolução; logo, se colocam contra estes aspectos. São reacionários: fazem a história que interessa ao capital, à dominação. Assim, entra-se no antagonismo ideológico que impede o diálogo entre as duas correntes históricas, pois transforma a diferença teórico-metodológica em *paixão ideológica*. A corrente histórica marxista e os Annales são, todavia, complementares. Assim, o diálogo entre estas correntes torna-se fecundo, pois a diferença entre as duas escolas se mantém e se intensifica e os níveis ideológicos e epistemológicos não se fundem. O debate se torna teórico, conceitual. José Carlos Reis salienta que esta divergência é extremamente enriquecedora. São duas *hipóteses históricas*.

É importante destacar que nenhuma hipótese teórica expressa o *real enquanto tal*. Nenhuma hipótese é totalizante. E quando reivindicam tal amplitude tornam-se totalitárias e deixam de ser cognitivamente fecundas. Marxismo e Annales são *ângulos de iluminação, pontos de vista, instrumentos teóricos, hipóteses*, que apenas se tornam fecundas quando são caracterizadas como *opções teóricas*. Os historiadores se servem destas hipóteses e não podem ser vítimas delas. São dois pontos de vista sobre a história: diferentes, divergentes, rivais, concorrentes. Nisto reside em grande parte a sua riqueza, pois a história não se submete a uma leitura única ou eclética.

A história dos primeiros Annales é, por um lado, um projeto moderno, pois crê na Razão como instrumento de conhecimento verdadeiro, que serve à ação; mas, por outro, abre mão do sentido utópico e da verdade revolucionária da modernidade. Na terceira geração, e, sobretudo após 1988, os Annales romperam com o esforço de buscar uma *verdade estrutural*: tornaram-se pós-estruturalistas. Portanto, a terceira geração está distante da primeira e segunda

gerações: não objetiva uma *razão/verdade histórica estrutural*, pois produz uma história variada e fragmentada. Entendemos, portanto, que a principal contribuição do texto de José Carlos Reis foi compreender que existem abordagens históricas distintas que se adaptam a situações sócio-culturais específicas. Todavia, devemos considerar e analisar suas características e especificidades. Assim, a segunda geração dos Annales privilegiou, como vimos, os aspectos econômico-sociais e interpretou o homem como elemento seriável e não evento singular. Na terceira geração ocorreu um processo de fragmentação do campo teórico-metodológico e dos objetos de pesquisa. Nesta fase, estudam-se as relações humanas em seus vários aspectos: políticos, culturais, religiosos, sociais. Assim, a nova história não explica a realidade, mas somente descreve e analisa partes dela. Qual tendência histórica seria mais aceitável? Concordando com as palavras de José Carlos Reis, entendemos que ambas as fases efetuam enfoques históricos alternativos que se adequam às especificidades sócio-culturais de uma determinada época histórica. Entendemos, portanto, que a história pode ser produzida sob diversos olhares e perspectivas, conforme a época histórica em que são elaboradas. Todavia, é preciso considerar que o historiador é o agente responsável por escolher, organizar e analisar as fontes, de acordo com seus objetivos e questionamentos. Desta forma, para os historiadores do movimento dos Annales, é o problema, e não o documento que está na origem da pesquisa, isto é, sem o historiador que pesquisa, que procura respostas para questões por ele formuladas, não há documentação e não há *histórias*.

Os conceitos, as informações e opiniões expressas nos artigos assinados e aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, que gozam de ampla liberdade de opinião, crítica e estilo.